

ALÔ, AQUI É A YOKO!

Music of The Mind, na Tate Modern, celebra uma artista experimental, ativista e visionária por seus próprios méritos

Texto e Fotos: Maria Hermínia Donato



No fim de semana, durante um jantar entre amigos, surgiu uma discussão sobre a importância da artista Yoko Ono – alguns apontaram o casamento com John Lennon como motivo para a sua grande retrospectiva que acontece na Tate Modern, em Londres.

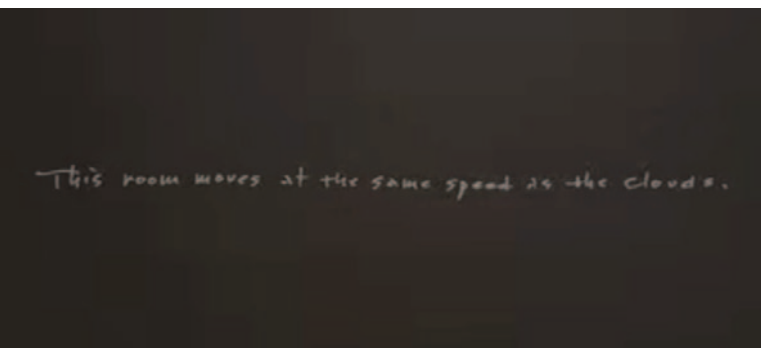
Fato é que antes de conhecer Lennon, Yoko Ono já era respeitada e estabelecida na cena avant-garde de Nova York, com sua abordagem radical, obras conceituais, performances e arte destinada a estimular a imaginação e a participação do espectador. Yoko subverte a relação entre o artista e o público, reconhecendo que o espectador não quer ser apenas um espectador passivo, mas sim ser incluído na arte.

E é o que acontece logo ao entrar na exposição: um telefone toca seis vezes, deixando no ar a dúvida de quem é o celular e quem vai atendê-lo. A voz do outro lado da linha diz: *Alô, aqui é a Yoko!* (*Telephone Piece*, 1964)

Yoko Ono with Glass Hammer, 1967
Foto: Clay Perry / Artwork © Yoko Ono

A retrospectiva, numa cronologia flexível, abrange sete décadas, de 1955 até hoje, e celebra a prática conceitual de Yoko Ono e sua eterna campanha pela paz mundial. O título da mostra – *Music of The Mind* – vem do desejo da artista de estimular a imaginação e o som da mente, onde, segundo ela, as coisas se expandem e ultrapassam o tempo.

Na parede a frase “*This room moves at the same speed as clouds*” (*esta sala se move à velocidade das nuvens*), escrita com a letra da artista, talvez seja uma referência ao período em que os Estados Unidos bombardearam Tóquio, durante a Segunda Guerra Mundial. Na época com 12 anos, Yoko e o irmão foram evacuados para o campo, aonde deitavam na grama olhando para céu e escapavam em sua imaginação.



Lighting Piece (1955), obra apresentada na exposição *Works of Yoko Ono* em Tóquio, é um concerto onde o som é inaudível, realizado no escuro para provocar a imaginação da audiência. Eventualmente, vislumbres de luz são percebidos através de fósforos acesos e tochas, criando uma experiência sensorial única.

Bag Piece, 1964

Em 1960, Ono alugou um loft na 112 Chambers Street com o compositor La Monte Young, onde organizavam eventos para figuras do avant-garde, entre as quais, Marcel Duchamp, Isamu Noguchi, John Cage e David Tudor. As performances realizadas em Chambers Street foram precursoras do Movimento Fluxus criado por George Maciunas em Nova York. O movimento, que se declarou contra o objeto artístico tradicional como mercadoria, foi sendo reconhecido como um fórum de experimentação ou laboratório artístico manifestado nas mais diversas formas de arte.

Em *Bag Piece* (1964), uma ou mais pessoas entram em sacos de pano pretos e realizam atividades dentro deles. Os movimentos criam esculturas em constante mudanças. O participante – invisível para os espectadores – se sente seguro num ambiente semelhante a um casulo, e a interação com a obra é intensa: durante a minha visita, adolescentes se divertiam às gargalhadas criando uma atmosfera lúdica na galeria.





Cut Piece, 1964

Em 1964, Yoko Ono estreou no Japão uma de suas obras mais emblemáticas, *Cut Piece*, também apresentada em Nova York, Londres e Paris. No vídeo da performance, a artista está sentada imóvel esperando que membros da plateia subam ao palco, peguem uma tesoura e cortem pedaços de suas melhores roupas, numa atitude puritana de oferecer o melhor que se pode dar ao outro. Yoko, como o objeto, é vulnerável, mas também causa indignação, discussão e agressão. Para mim, a performance se assemelha a rituais da cultura japonesa.

Cut Piece é vista como um ato feminista contra a violência masculina às mulheres, e antecede por uma década a performance *Rhythm 0* de Marina Abramovic, na qual o público era convidado a fazer com ela o que quisesse, usando um dos 72 objetos que a própria artista colocou sobre uma mesa. Yoko declara que, em 2003, quando *Cut Piece* foi apresentada em Paris, o protesto era contra o ageísmo, racismo, sexismo e violência.

Em 1964, ela publicou o livro *Grapefruit* com mais de 200 instruções divididas em cinco seções: Música, Pin-

tura, Evento, Poesia e Objeto. As instruções oferecem variadas formas de realização – performances, filme, pintura e esculturas:

Painting to Shake Hands, 1961 (*painting for cowards*) – faça um buraco na tela, por de trás da tela coloque sua mão e receba seus convidados nessa posição;

Shadow Piece, 1963 – desenhe na tela sua própria sombra ou de outra pessoa e junte as sombras até que elas se tornem uma;

Jogo de Xadrez Branco, 1966 – jogue enquanto você puder se lembrar aonde estão as suas peças.

E há instruções realizadas apenas com a mente:

Collecting Pieces, 1963 – colete em sua mente sons que ouviu ao longo da semana. Repita mentalmente, em ordens diferentes, numa tarde.

Para Yoko, a grapefruit, fruta que é uma mistura entre limão e laranja, representa a sua identidade como um espírito híbrido, nunca se sentindo completamente em casa, nem no Japão nem nos EUA.



Capacetes (*Pedaços de Céu*), 2001



Jogo de Xadrez Branco, 1966



Filme Nº 4 – *Bottoms*, 1966

O humor marca presença na obra de Yoko Ono e pode ser observado no Filme Nº 4 – *Bottoms*, 1966, onde ela exhibe 200 nádegas famosas de artistas. As imagens são misturadas com entrevistas de Ono à imprensa britânica. A instrução ligada a esta obra sugere “amarrar nádegas juntas no lugar de assinaturas para uma petição pela paz”.

Ono e Lennon também promoveram a paz utilizando técnicas de publicidade e propaganda através da mídia, *WAR IS OVER! IF YOU WANT IT (guerra está acabada! se você quiser)* 1969, distribuído globalmente por meio de outdoors, cartazes, cartões postais e anúncios.

Em março de 1969, o casal realizou o filme “*Bed-in for peace*” no hotel Amsterdam Hilton, permanecendo na cama por uma semana para promover a paz e declarar o absoluto inconformismo com a guerra no Vietnã. Na Tate, a maioria das pessoas que assistiam ao filme tinha mais de 50 anos; os jovens, por sua vez, lotavam as galerias documentando a arte conceitual da artista.

O filme *Fly*, produzido em 1970/1, explora as estruturas de poder e a opressão das mulheres, através da imagem de uma mosca andando sobre corpo de uma mulher, do dedo do pé à cabeça, voando depois para fora da janela.

Helmets Pieces of Sky, 2001, traz capacetes militares como peças de quebra-cabeça, com a seguinte instrução: “*pegue um pedaço do céu*”. O céu contido na imagem das peças do quebra cabeça seria, para a artista, um símbolo esperançoso: mesmo com as peças dispersas (cada pessoa pega uma) elas sugerem a possibilidade da cura através da ação ou pensamento coletivo.

É difícil afirmar que Lennon “prejudicou” sua carreira. Aos 90 anos Yoko Ono continua ousada, forte, visionária em busca da paz e de um mundo melhor.

SERVIÇO

Yoko Ono: *Music of The Mind*

Até 1º de setembro

Tate Modern

<https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/yoko-ono>